

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS.**

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1923 | Número: 33

---

### **Como citar este documento:**

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. *Revista de Guimarães*, 33 (4) Out.-Dez. 1923, p. 218-223.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CANCIONEIRO  
DE  
S. SIMÃO DE NOVAIS

COLIGIDO POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

(Conclusão do n.º anterior, pág. 151)

397

Inda ontem me disseram  
eu que tinha uma comadre;  
eu inda sou solteirinha,  
como pode ser verdade?

399

Dá-me o teu lenço, António,  
ou me dá o teu chapéu:  
já não posso suportar  
tanto sol que vem do céu.

401

A galinha está doente,  
o galo faz-lhe o jantar,  
o cão acarreta a lenha,  
o gato surrasca o lar.

403

Eu quero-te tanto bem  
como à cinza da barrela:  
arrumá-la p'ra um canto,  
não fazer mais caso dela...

405

Passei pela tua porta,  
espreitei p'la fechadura;  
tu não me *abristes* a porta,  
coração de pedra dura!

398

Sim senhora, não senhora,  
foi a minha criação;  
foi a primeira doutrina  
que a minha Mãe me ensinou.

400

Uma meia meia feita  
outra meia por fazer:  
diga lá, minha menina,  
quantas meias vêm a ser.

402

Eu quero-te tanto bem,  
eu quero-te tanto, tanto...  
Isto é feitiçaria,  
ou milagre de algum santo!

404

O' Balasar, Balasar!  
quem te atirara dois tiros  
c'uma espingarda de cana  
carregada de suspiros!

406

Quero bem ao meu amor,  
não tenho onde o meta...  
Dentro do meu coração,  
na derradeira gaveta...

407

Maricas, por Deus te peço,  
por Deus te mando pedir :  
uos braços em que me arrolas  
não deixes outro dormir...

409

Tenho dentro do meu peito  
botica p'ra boticar :  
para te dar o remédio,  
p'ra te acabar de matar...

411

Trazeis cabelo atado  
pelas costas, ao comprido...  
Nas ondas do teu cabelo  
anda o meu amor 'scondido !

413

Cidade nova de Coimbra,  
onde se formam doutores !  
Foram lá que se formaram  
os meus primeiros amores.

415

Os carvalhos dão bogalhos,  
também dão coisinhas boas ;  
também eu dou miúdas falas  
*consante* são as pessoas...

417

Pus-me a chorar saúdaes  
ao pé duma sepultura ;  
uma voz me respondeu :  
Males de amor não têm cura.

419

São dez horas, vai p'ra as onze,  
'stá a chegar o meio dia :  
estão-se a aproximar as horas  
de falar p'ra quem eu qu'ria.

421

Quando o sol deixar de dar  
naquele mais alto freixo  
é que tu hás-de saber  
a razão porque te eu deixo.

408

Eu já fui à tua casa,  
vi os cantos que ela tem :  
já dormi na tua cama,  
caibo nela muito bem...

410

Lindos olhos tem as trutas ;  
quem me dera assim os meus !  
lei-de lavar os meus olhos  
onde a truta lava os seus...

412

Fui-me confessar e disse  
que não tinha amor nenhum ;  
por penitência me deram  
que tomasse sequer um...

414

Tenho um amor que me ama,  
outro que me dá dinheiro,  
outro que me veste e calça :  
êsse é o mais verdadeiro...

416

Tenho dentro do meu peito  
uma laranja partida  
para dar ao meu amor  
que anda co'á beija caída...

418

De noite tanto chorei...  
A lágrima chegou ao mar,  
que me deram por notícia  
meu amor ir-me deixar.

420

O primeiro é jejuar,  
(bem jejuia quem não come) ;  
um beijo duma menina  
mantem três dias um *home*.

422

Os sete estrêlos caíram,  
deram na guarda do tanque.  
Agora é que me tu deixas,  
que t'eu tinha amor bastante... (1)

(1) Cf. 176.

- 423  
Hei-de te amar, que me pedem,  
(não quero ser descortês);  
quero fazer a vontade  
a quem ma a mim nunca fêz.
- 424  
Minha Mãe, p'ra me casar,  
prometeu-me quanto tinha;  
depois de me ver casada  
deu-me um fole sem farinha...
- 425  
Tôda a vida trabalhei,  
tôda a vida passei fome;  
hei-de me pôr a brincar:  
quem brinca também não come...
- 426  
Tôda a mulher que se casa  
grande castigo merece,  
que se vai deitar na cama  
c'um homem que não conhece.
- 427  
O meu amor quer que eu tenha  
juízo, capacidade;  
tenha-o êle, que é mais velho,  
que eu sou de menor idade.
- 428  
Meu filho, sonhei um sonho,  
vamos ver se é teu agrado;  
a ver se estás resolvido  
a tomar novo estado.
- 429  
Minha mãe, deixe-se disso,  
que são sonhos variados:  
olhe o lucro que lhe tiram  
os homens que estão casados. (1)
- 430  
Hoje é o primeiro dia  
que eu neste lugar cantei.  
Só queria adivinhar  
se eu *inorada* serei.
- 431  
Ouro ao redor da cinta,  
ouro ao redor da trança;  
quem do ouro faz rodilha  
do amor *fá-la* mudança.
- 432  
Eu quando vou p'ra comer  
os pratos fazem *dlim, dlim*.  
Deus dê um pedaço do Céu  
a quem te fêz para mim.
- 433  
Já fui capitão de cabras,  
agora vou p'ra maior,  
agora vou p'ra Valença  
tomar ordens de maior.
- 434  
Dei um nó na fita verde,  
outro no preto *ridor*;  
inda 'spero de dar outro  
na mão d'reita ao meu amor.
- 435  
Você diz: casar! casar!  
Não se lembra do futuro.  
Não se lembra do diabo  
que os pobres ambos *aturo*.
- 436  
Inda não é meia noite,  
nem tam pouco onze horas:  
inda te não disse adeus,  
ó meu amor, porque choras?
- 437  
Quem me pôs o nome Rosa  
decerto já tinha visto  
Rosa no Céu e na terra,  
Rosa no altar de Cristo.
- 438  
Canta, canta, cantadeira,  
que êste povo quer ouvir!  
Se estás doente do peito,  
ninguém te cá mandou vir...

(1) As cantigas 428, 429, 109 e 1 constituem um diálogo entre mãe e filho.

439

Anda cá, meu goivo branco,  
criado na goivaria!  
Tens amor? Trata-o por tu:  
amor não tem senhoria.

441

O' Senhora da Abadia,  
vinde abaixo dar-me a mão!  
Eu sou rapariga nova,  
cancei no *arrebentão*.

443

Ondas do mar, abrandai,  
que eu qu'ria pilhar um peixe!  
Eu qu'ria deixar o mundo,  
antes que me êle a mim deixe.

445

Ao passar do portelinho,  
a meu primo dei a mão;  
se êle não fôra meu primo,  
ou lha daria ou não...

447

Se fores ao cemitério,  
no dia do meu entêrro,  
pede à terra que não coma  
as tranças do meu cabelo.

449

Adeus, que me vou embora,  
Aguas-Santas, Rio-Tinto!  
Saudades que por ti levo  
Deus as sabe, e eu as sinto.

451

Algum dia, p'ra te ver,  
abri as portas da rua;  
agora dava dinheiro  
p'ra não ver a sombra tua.

453

Pediste-me uma laranja?  
Eu não tenho laranjeira;  
se queres um limão doce,  
salta cá dentro à eira.

455

O' mar largo, ó mar largo,  
ó mar largo sem ter fundo!  
Mais vale andar no mar largo  
do que nas bôcas do mundo.

440

O' *lindeiro*, andá à guerra,  
que eu bem ouço dar os tiros!  
Eu bem ouço combater  
os meus ais com teus suspiros...

442

No meio daquele mar  
teuho uma pedra comprida;  
tem um letreiro que diz:  
Quem lá for, arrisca a vida.

444

Eu, amar bem te amava,  
se fôras da *ugalha* minha:  
tu és da fôlha mais alta,  
eu sou da mais pequeninha.

446

A silva que me a mim prende  
à tua janela nasce;  
nunca me a silva prendeu  
que eu dela não retirasse...

448

Já há muito não vi Ana,  
nem ao jantar, nem à ceia;  
que é da minha rica Ana,  
que é da minha cara cheia?

450

Algum dia, p'ra te ver,  
abri as sete janelas;  
agora, p'ra te não ver,  
não abro nenhuma delas.

452

Algum dia, p'ra te ver,  
sete janelas abria;  
agora, p'ra te não ver,  
outras sete fecharia.

454

O' mundo, que foste mundo!  
agora já o não és;  
agora já te viraste  
com a cabeça p'ra os pés.

456

As ondas do mar são brancas,  
no meio são amarelas;  
coitadinho de quem nasce  
p'ra se ver no meio delas!

457

Minha maçã vermelhinha,  
que me deu um caiador!  
Tenho-a na minha caixa,  
inda não perdeu a côr. (1)

459

Quem me pôs o nome Rosa  
devia de adivinhar:  
Rosa no Céu e na terra,  
Rosa em todo o lugar. (2)

461

Oh! se vós adivinháreis  
como se chama o meu *home*...  
Chama-se o calça caída,  
*Marelo*, cara de fome...

463

*Diz* que tenho pouca roupa?  
Se tens mais, é teu proveito!  
Menos tenho que tirar  
à noite quando me deito...

465

Quem me quer comprar que eu vendo  
chá de laranjeira azêda?  
Os homens a trinta réis,  
e as mulheres a moeda...

467

Hei-de casar êste ano:  
êste ano casa tudo...  
Não quero ficar p'ra o ano,  
p'ra o ano fica o refugio...

469

Suspirando, dando ais,  
vai meu amor pela rua:  
suspiros, quantos quizeres,  
eu sou de outro, não sou tua.

471

Aquele navio novo  
julga que me há-de levar;  
Eu julgo que não hei-de ir  
passar as ondas do mar.

458

O anel que tu me deste  
era de vidro e quebrou;  
a amizade que te eu tinha  
era pouca e acabou. (2)

460

Vou embora de meu amo;  
não lhe devo nem um dia;  
antes me êle deve a mim  
as noites que eu não dormia.

462

Eu amanhã vou à missa,  
no adro faço parada.  
Tôda a gente me aborrece,  
só o meu amor me agrada.

464

Semei trevo no mar,  
só me nasceu uma geira.  
Quando nasceram os homens,  
nasceu fraca sementeira...

466

Hei-de casar êste ano  
ou para o outro que vem:  
são os homens mais baratos,  
custa um cento um vintém...

468

O' freguesia de Arnoso,  
deixar-te muito me pesa!  
Inda espero de tornar  
ao centro da natureza.

470

Já morri, já me enterrei  
debaixo de dois torrões;  
tornei a ressuscitar  
com as tuas orações.

472

Se eu soubesse o Padre-Nosso  
como sei cantar cantigas,  
andava sempre a rezar  
à porta das raparigas.

(1) Cf. 11, 361.

(2) Cf. 331 — 335.

(3) Cf. 437.

473

Semeei no meu quintal  
o brio das raparigas :  
nasceu-me uma rosa branca  
cercada de margaridas.

475

Caçador, que vai p'ra a caça,  
não vai p'ra caçar a lebre;  
vai p'ra caçar a menina  
lá no *cobêrto* alegre.

477

Não há navio sem rêmo,  
nem rio sem corta-mar,  
nem donzela sem amor :  
só se o não quer tomar...

474

Quando eu aqui cheguei,  
logo por ti perguntei;  
não me deram novas tuas :  
com vergonha não chorei...

476

Se ouvires assobiar  
num assobio baixinho...  
Se êle for o meu amor,  
demora-te um bocadinho.

478

Eu não canto por cantar,  
nem por bem cantar o digo :  
eu canto para espalhar  
paixões que trago comigo...

L

## ADITAMENTO

Nas palavras que antecedem esta colecção de cantigas, disse que algumas delas podiam ser ouvidas, com maior ou menor variante, nas diversas províncias de Portugal, e até na Galiza.

Ao percorrer as páginas do «Cancionero popular gallego», de Ballesteros <sup>(1)</sup>, surpreende-nos a semelhança, a quasi identidade entre a poesia popular galega e a portuguesa. E mais flagrante é a semelhança, atendendo à pronúncia do minhoto. Vê-se que é bem insignificante a diferença da lingua, dos costumes e dos sentimentos dos dois povos que o Rio Minho separa. Para o demonstrar, vou transcrever algumas quadras daquele Cancioneiro, pondô-lhes

(1) *D. José Pérez Ballesteros* — Cancionero popular gallego y en particular de la Coruña, 3 vol. (Tomos VII, IX e XI da «Biblioteca de las tradiciones populares españolas», director Antonio Machado y Alvarez, Madrid 1885 — 1886).